



**FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

ANDRÉ MANUEL MATIAS DE ANDRADE BELO

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO, DESENVOLVIDO NA ESCOLA DO 2º
E 3º CICLOS DO ENSINO BÁSICO, INFANTE D. PEDRO- BUARCOS, JUNTO DA
TURMA DO 9º A, NO ANO LETIVO DE 2011/2012**

COIMBRA

2012

ANDRÉ MANUEL MATIAS DE ANDRADE BELO
2009127311

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO, DESENVOLVIDO NA ESCOLA DO 2º
E 3º CICLOS DO ENSINO BÁSICO, INFANTE D. PEDRO- BUARCOS, JUNTO DA
TURMA DO 9º A, NO ANO LETIVO DE 2011/2012**

Relatório Final de Estágio, apresentado à Faculdade
de Ciências do Desporto e
Educação Física, para a obtenção do grau de Mestre
em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e
Secundário.

Supervisor: Professor Doutor Luís Rama
Orientador: Professor Joaquim Parracho

COIMBRA
2012

Belo, A. M. M. A. (2012). Relatório de estágio pedagógico desenvolvido na escola E.B. 2/3 Infante D. Pedro junto da turma 9ºA no ano letivo de 2011/2012, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

AGRADECIMENTOS:

- À minha Mãe pela sua paciência e apoio ao longo dos estudos;
- Ao meu Pai pela sua dedicação e esforço, e tempo despendido em me aconselhar a tomar as melhores escolhas;
- Ao meu Irmão por me ter ensinado tantas coisas e por ser um exemplo para mim;
- Às minhas Avós por me terem ajudado imenso desde sempre;
- Ao Professor Orientador, pelos seus ensinamentos ao longo deste ano que ficarão comigo para sempre, por ser um amigo sempre pronto a ajudar e por ser um excelente Professor;
- Ao Professor Supervisor da Faculdade, pelos seus reparos pertinentes aquando das suas observações que me permitiram melhorar as minhas competências;
- Aos meus Colegas de Estágio, com os quais adorei trabalhar ao longo deste ano;
- A todos os elementos da Escola E.B 2/3 Infante D. Pedro – Buarcos, mas particularmente à Diretora de Turma, e aos meus Alunos do 9ºA;
- A todos os colegas de Faculdade que sem eles certamente todo este trajeto não tinha sido tão intenso e proveitoso;
- Por fim, queria deixar uma dedicatória e agradecimento especial para o meu AVÔ, faleceu em 2008, que sempre me apoiou incondicionalmente nas minhas escolhas, ele foi para mim um avô, um pai e um irmão, ele era tudo isto. **MUITO OBRIGADO AVÔ.**

1- RESUMO

O presente documento, cuja elaboração surge no âmbito do Estágio Pedagógico do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário, tem por finalidade relatar todos os aspetos trabalhados no decorrer do ano letivo de 2011/2012. No tema a desenvolver, optei pela didática do Basquetebol em ambiente escolar, pois devido à minha paixão, experiência pela modalidade, pensei que poderia ajudar numa maior evolução dos alunos. Abordei a metodologia desenvolvida por mim tendo em conta a avaliação diagnóstica na unidade didática. Os resultados foram satisfatórios, pois os alunos obtiveram uma evolução muito significativa desde o início da unidade didática até o seu fim. O estágio realizou-me totalmente, foi de encontro a todas as minhas expectativas.

Palavras-chave: Educação Física. Unidade didática de Basquetebol. Reflexão pedagógica.

1.1-ABSTRACT

This document, which arises in the development Internship of the Masters in Teaching Physical Education in Primary and Secondary Education, aims to report on all aspects worked during the academic year 2011/2012. On the subject to develop, I opted for the Basketball didactic in the school environment, because this sport is my passion, my experience as player, I thought I could help further advancement of students. I discussed the methodology developed by me in view of the diagnostic evaluation in the teaching unit. The results were satisfactory, because the students had a very significant development since the beginning of the teaching unit to its end. The in – service education fully filled me, and was against to all my expectations.

Key words: Physical Education. Didactic unit of Basketball. Pedagogical reflection.

SUMÁRIO

1- RESUMO	
1.1-ABSTRACT	
2- INTRODUÇÃO	11
3.- DESCRIÇÃO	11
3.1- EXPECTATIVAS E OPÇÕES INICIAIS EM RELAÇÃO AO ESTÁGIO (CONFORME O PFI INICIAL)	11
3.2- DESCRIÇÃO DAS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS.....	12
3.2.1- PLANEAMENTO	12
PLANO ANUAL	13
UNIDADES DIDÁCTICAS	13
PLANO DE AULA	14
PARTICIPAÇÃO COM A UNIDADE DE APOIO ESPECIALIZADO PARA A EDUCAÇÃO DE ALUNOS COM PERTURBAÇÃO DO ESPETRO DO AUTISMO...	14
3.2.2- REALIZAÇÃO/INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA	15
3.2.3- AVALIAÇÃO	15
3.2.4- COMPONENTE ÉTICO-PROFISSIONAL	15
3.3- OPÇÕES TOMADAS	16
3.3.1 – ORGANIZAÇÃO.....	16
3.3.2 - CLIMA/DISCIPLINA.....	17
3.3.3 – GESTÃO.....	17
3.3.4 – AVALIAÇÃO.....	17
4 - ANÁLISE REFLEXIVA.....	18
4.1 – ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS.....	18
PLANO ANUAL.....	18
UNIDADES DIDÁTICAS.....	19
PLANOS DE AULA.....	20

PARTICIPAÇÃO COM A UNIDADE DE APOIO ESPECIALIZADO PARA A EDUCAÇÃO DE ALUNOS COM PERTURBAÇÃO DO ESPETRO DO AUTISMO...	21
4.2 – REALIZAÇÃO / INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....	21
4.3 – ESTRATÉGIAS DE AVALIAÇÃO IMPLEMENTADAS	24
4.4 – ÉTICA PROFISSIONAL.....	26
4.5 – JUSTIFICAÇÃO DAS OPÇÕES TOMADAS.....	27
ORGANIZAÇÃO / GESTÃO.....	29
CLIMA / DISCIPLINA.....	30
4.6 - APRENDIZAGENS REALIZADAS COMO ESTAGIÁRIO	32
4.7 - COMPROMISSO COM AS APRENDIZAGENS DOS ALUNOS	33
4.8 - DIFICULDADES SENTIDAS E FORMAS DE RESOLUÇÃO	33
4.9 - NECESSIDADE DE FORMAÇÃO CONTÍNUA	36
4.10 - CAPACIDADE DE INICIATIVA E DE RESPONSABILIDADE	36
4.11 - IMPORTÂNCIA DO TRABALHO INDIVIDUAL E DE GRUPO	37
4.12 - IMPACTO DO ESTÁGIO NA REALIDADE DO CONTEXTO ESCOLAR	37
4.13 - EXPERIÊNCIA PESSOAL E PROFISSIONAL DO ANO DE ESTÁGIO / PRÁTICA PEDAGÓGICA SUPERVISIONADA.	38
5 - DIDÁTICA DO BASQUETEBOL EM AMBIENTE ESCOLAR	38
5.1 – INTRODUÇÃO AO TEMA.....	38
5.2 – INTEGRAÇÃO DE CONHECIMENTOS DE CARÁCTER CIENTÍFICO.....	39
5.3 – CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA / PROBLEMA.....	40
5.4 – ESTRATÉGIAS DESENVOLVIDAS.....	43
5.5 - ALTERAÇÕES E/OU RESULTADOS OBTIDOS.....	46
5.6 - ELEMENTOS DE PESQUISA AUTÓNOMA.....	49
5.7 – CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS E PERPECTIVAS PARA O FUTURO.....	52
6 – CONCLUSÃO.....	53
REFERÊNCIAS.....	54
ANEXOS.....	55

Teor do Compromisso de Originalidade do Documento

André Manuel Matias de Andrade Belo, nº2009127311 do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da FCDEF - UC, venho declarar por minha honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da minha autoria, não se inscrevendo, por isso, no definido na alínea s do artigo 3º do Regulamento Pedagógico da FCDEF.

ABREVIATURAS

DT: diretor de turma

EE: encarregado de educação

FB: feedbacks

UD: unidade didática

EF: Educação Física

PA: plano anual

2- INTRODUÇÃO

Este relatório é o culminar de um ano letivo de trabalho, dedicação e acima de tudo de aprendizagem enquanto estagiário de Professor de EF nos Ensinos Básicos e Secundário, inserido no Mestrado de Ensino de Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física de Coimbra. Este estágio realizou-se na Escola E.B. 2/3 Infante D. Pedro – Buarcos, e com outros dois colegas, juntos formamos o Núcleo de Estágio de Educação Física desta escola, sob a orientação na escola do Professor Orientador, e na Faculdade pelo Professor Supervisor.

Este 2º ano de mestrado foi dividido com quatro áreas distintas, Organização e Gestão escolar, Projetos e Parcerias Educativas, Estágio Pedagógico e Relatório de Estágio. Sendo que o relatório de Estágio tem por objetivo a descrição das tarefas realizadas e de um conjunto de reflexões críticas que incidem sobre as restantes áreas deste ano de Mestrado e ainda o desenvolvimento de um tema à nossa escolha.

Os meus objetivos iniciais de formação passavam por descobrir, desenvolver, aplicar capacidades/competências/aptidões direcionadas ao ensino da EF, juntamente com o orientador da escola e da faculdade. Felizmente as minhas expectativas não foram defraudadas, bem pelo contrário, aprendi bastante, a todos os níveis.

Este relatório de estágio é dividido em três partes principais, descrição e reflexão das atividades realizadas, desenvolvimento do tema escolhido e conclusões retiradas deste ano.

3.- DESCRIÇÃO

3.1- EXPECTATIVAS E OPÇÕES INICIAIS EM RELAÇÃO AO ESTÁGIO (CONFORME O PFI INICIAL)

Em relação às expectativas para o ano de estágio, elas foram as maiores e melhores, visto que ansiava por este momento desde que iniciei a minha formação a nível superior.

Sempre me apercebi ao longo da minha formação que a vertente prática do Mestrado de Ensino, e nomeadamente a componente de estágio curricular desempenharia um papel preponderante para um ensino melhor e mais qualificado.

As expectativas prenderam-se com a aquisição e desenvolvimento das capacidades, competências e aptidões letivas, ao nível de didática, de pedagogia, de prescrição de exercícios.

O contato com o contexto escolar no âmbito do estágio curricular permitiu um aprofundamento de conhecimentos em termos de funcionamento, gestão e administração escolar e, particularmente dentro da EF.

O apoio esperado por parte do orientador e do supervisor verificou-se por completo, o que foi determinante para tudo ter corrido da melhor forma.

3.2- DESCRIÇÃO DAS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS

3.2.1- PLANEAMENTO

O planeamento é a base de qualquer projeto/atividade na qual se espera obter resultados positivos, assim sendo é de enorme importância para o processo de ensino - aprendizagem. O planeamento abrange o plano anual, UD e planos de aula, e neste caso específico da EF, qualquer um destes documentos de planeamento tem que ser elaborado após um estudo/conhecimento profundo do programa nacional de EF. Este deve ser cruzado depois com o planeamento do grupo de EF da escola, e precedido de uma avaliação diagnóstica das capacidades dos alunos da turma no início do ano letivo.

A escola Infante D. Pedro apresenta excelentes condições, ao nível de infraestruturas, de material disponível e inclusive de espaço, pois possui diversos espaços exteriores que podem ser utilizados para aulas ao ar livre, contém um

campo alcatroado onde se pode praticar Futebol, Andebol e Basquetebol, um campo relvado de Futebol, e uma caixa de areia. Espaços interiores, tem um pavilhão gimnodesportivo com excelentes condições, com material recente e de qualidade e tem ainda uma sala de Ginástica.

Neste ano letivo, o corpo docente foi constituído por um total de cinquenta e cinco professores, mais três estagiários e vinte e cinco funcionários nos serviços administrativos e serviços auxiliares de ação educativa. O núcleo de E.F. contava com quatro professores efetivos, todos eles com bastantes anos de serviço, e dois deles com imensos anos na escola Infante D. Pedro.

No que diz respeito ao número de alunos, eram trezentos e noventa e nove e a minha turma contava com vinte e dois. O Agrupamento de Escolas de Buarcos é composto por três escolas do ensino Pré-escolar, oito escolas do 1º ciclo e uma escola do 2º e 3º ciclos do Ensino Básico, pertencentes à rede pública de ensino das freguesias de Buarcos, Vila Verde, Quaios e Tavarede do concelho de Figueira da Foz. A Escola Básica do 2º e 3º Ciclos Infante D. Pedro, é sede do Agrupamento de Escolas de Buarcos, homologado em Junho de 2003. A escola contou com vinte turmas, sendo a mim atribuída o 9ºA.

PLANO ANUAL

Este documento foi elaborado em grupo, pelo núcleo de estágio, após consulta dos programas Nacionais de Educação Física, do planeamento do grupo de Educação Física da Escola E.B 2/3 Infante D. Pedro – Buarcos.

UNIDADES DIDÁTICAS

As UD são o ponto de partida para depois se estabelecer estratégias para atingir os objetivos traçados pelo professor de modo a facilitar o processo de aprendizagem do Aluno e da ação do professor junto deste. Assim sendo, as UD foram construídas e

estruturadas, com base nas avaliações diagnósticas, nos espaços e material disponíveis, de modo a atingir um conjunto de objetivos exequíveis, de forma progressiva e com uma sequência lógica, de acordo com as reais capacidades dos Alunos e da turma em geral. As unidades devem servir como uma linha orientadora da ação do professor, embora a sua aplicação não deva ser excessivamente rígida, tanto a nível de objetivos, que poderão ser alterados (se necessário) no decorrer da mesma consoante a evolução dos alunos, como dos exercícios ou progressões pedagógicas que não terão que necessariamente corresponder aos definidos na unidade, desde que vão na mesma de encontro dos mesmos objetivos previamente estabelecidos.

PLANO DE AULA

Na reunião de início de estágio na escola, foi estabelecido pelo professor orientador, como o plano de aula devia ser elaborado, e o que devia este conter. O plano de aula é um documento de planeamento de enorme importância, a sua correta elaboração, reflexão e aplicação tem um papel determinante para o sucesso das aulas, embora não queira com isto dizer que uma aula com um “bom” Plano de Aula tenha sempre sucesso.

PARTICIPAÇÃO COM A UNIDADE DE APOIO ESPECIALIZADO PARA A EDUCAÇÃO DE ALUNOS COM PERTURBAÇÃO DO ESPETRO DO AUTISMO

A escola é a única do concelho e receber estes alunos pois tem uma unidade de apoio especializado para a educação de alunos com perturbação do espectro do autismo, e posto isto, no início do ano foi proposto pelo Professor orientador que os professores estagiários desenvolvessem em conjunto uma série de atividades integradas para as capacidades destes. Então nós, núcleo de estágio, ficámos

encarregues desde o início do ano letivo de lecionar 3 tempos de quarenta e cinco minutos por semana a estes alunos.

3.2.2- REALIZAÇÃO/INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

A realização/intervenção pedagógica consiste na transferência do que foi pensado, planeado e elaborado a todos os níveis, e a sua concretização em contexto de ensino-aprendizagem, junto dos alunos. A realização de facto foi o mais esperado e o mais preponderante de todo o Estágio Pedagógico, isto porque todos os estagiários já elaboraram bastantes documentos de planeamento ao longo do seu percurso académico, mas a nível da realização, do contacto constante com alunos, com uma turma, em contexto real para mim foi a primeira vez.

3.2.3- AVALIAÇÃO

A aprendizagem de qualquer atividade física deverá ser realizada com competência e adequadamente, sendo para isso imprescindível a utilização de uma metodologia que contemple inevitavelmente uma avaliação, pois a avaliação é a única maneira de na prática perceber os conhecimentos adquiridos por parte dos alunos.

Ribeiro, L. (1999), refere que “a avaliação pretende acompanhar o progresso do aluno, ao longo do seu percurso de aprendizagem, identificando o que já foi conseguido e o que está a levantar dificuldades, procurando encontrar as melhores soluções”.

A avaliação, se bem efetuada proporciona ao professor todas as informações de que este necessita, para regular, controlar e ajustar a sua intervenção, revelando-se deste modo como um elemento fundamental em todo o processo ensino-aprendizagem. Simultaneamente é um elemento integrante e regulador da prática educativa, que permite uma recolha sistemática de informações que, uma vez

analisadas, apoiam a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade de aprendizagens.

3.2.4- COMPONENTE ÉTICO-PROFISSIONAL

A componente ético-profissional teve especial destaque ao longo deste estágio pedagógico, pois foi realçado sucessivamente a sua importância, começando logo na primeira reunião de estagiários em Coimbra, além de ser igualmente referida no guia de estágio como um elemento preponderante e passível de reprovação no estágio caso este não fosse cumprido.

Como em praticamente todas as situações na vida, a primeira impressão é determinante, e sendo assim os estagiários só tem de ser exemplares nesta componente, pois a oportunidade que tanto a escola como a universidade nos dá é essencial no nosso desenvolvimento.

3.3- OPÇÕES TOMADAS

As opções que tomei ao longo do ano foram certamente muitas, mas logicamente que as opções nem sempre foram as mais corretas e oportunas, e que certamente poderiam ter sido tomadas de outra forma. Por isso parece-me importante justificar o porquê de algumas tomadas de decisão. No que diz respeito ao planeamento, o PA e as UD foram realizados individualmente mas com algumas partes feitas em conjunto pelo núcleo de estágio, pois grande parte destes documentos são comuns a todos os anos, e assim sendo a opção foi fazer em grupo para prevenir possíveis erros que um dos estagiários pudesse cometer. Depois destes documentos estarem finalizados, o Professor Orientador supervisionava-os e dava a sua opinião sempre construtiva. Em relação aos planos de aula, o núcleo de estágio chegou a um consenso juntamente com o Professor Orientador para o modelo do plano ser o

mesmo. Mas apenas o modelo era igual, pois de resto era da responsabilidade de cada um, exercícios, imagens, componentes críticas e critérios de êxito.

3.3.1 – Organização

A organização em todos os níveis da sociedade e da nossa vida é decisiva para alcançar o sucesso, e logicamente nas aulas de EF não foge à regra. Tentei sempre desde o início do estágio tê-lo presente, em todos os documentos que realizei, todas as aulas que dei e em todas as atividades que participei penso que o consegui.

3.3.2 - Clima/Disciplina

Este tópico merece uma reflexão maior, devido ao seu constante aumento de importância em todas as escolas e salas de aula.

Há várias teorias para tentar perceber as causas da indisciplina e diversos estudos sobre este tema, mas de fato cada vez o comportamento dos alunos esta com tendência a piorar.

Na reflexão crítica este tema é explorado de uma forma mais ampla.

3.3.3 - Gestão

A gestão das aulas é determinante na fluidez com que as aulas decorrem, claro que a fluidez está relacionada com diversos aspetos, e é de fato importante dominar todas as formas de gerir uma aula, não apenas ao nível do tempo, mas também ao nível emocional dos alunos, perceber se estes estão saturados de determinada tarefa, se a tarefa está ou não a surtir efeito, enfim a gestão está implícita em tudo.

3.3.4 - Avaliação

A avaliação é um elemento integrante e regulador da prática educativa, permite uma recolha sistemática de informações. Para que a avaliação seja um meio e não um fim, deve dar-se ênfase à componente de diagnóstico inicial e à componente motivadora para que o processo de ensino - aprendizagem obtenha sucesso. Este processo deve acontecer de uma forma continuada, e que vá permitindo a identificação dos alunos e o repensar das estratégias. Além disso, permite ainda dar aos alunos informações constantes sobre o seu desempenho.

Todos os documentos e grelhas utilizados no decorrer deste ano, tanto da avaliação diagnóstica, como formativa e sumativa, foram criados individualmente para cada turma, mas o núcleo de estágio debatia e discutia juntamente com o Professor Orientador quais os melhores parâmetros e métodos para avaliar.

.

4- ANÁLISE REFLEXIVA

4.1- Atividades desenvolvidas

PLANO ANUAL

Começando pelo PA, logo após o início ano letivo, foram sendo recolhidas informações determinantes para a sua construção, como a rotatividade dos espaços desportivos, o equipamento desportivo disponível, o calendário anual da escola, as avaliações diagnósticas das capacidades motoras dos alunos, a caracterização da turma e da escola e ainda outros dados pertinentes para a elaboração do mesmo. A elaboração deste documento não foi fácil, porque foi a primeira vez enquanto estagiário que foi necessário elaborar um PA sozinho (fora da Faculdade) e em contexto real. Logicamente que as dúvidas, problemas e preocupações foram surgindo mas com a ajuda pronta e preciosa do professor Joaquim Parracho que esteve sempre disponível para ajudar e guiar na elaboração deste documento tudo

ficou mais facilitado. O PA é pois considerado muito importante, porque nele constam informações essenciais, que auxiliam o professor na organização e orientação de todo o conjunto de matérias a lecionar no decorrer do ano a essa turma em questão, e em conjugação com as várias UD. Este deve servir como um guia de ação do Professor no decorrer do ano. Mas apesar disso, o plano não deve ser encarado com um produto acabado, porque no decorrer do ano letivo podem acontecer todo o tipo de imprevistos, o que pode levar a alterações/adaptações, quer seja por limitação de espaços, dificuldades nos alunos em atingir as metas estabelecidas, ou qualquer outra situação que leve a que haja uma necessidade de alterar o planejamento anual. Sendo assim deve ser flexível e passível de alterações caso haja essa necessidade.

UNIDADES DIDÁTICAS

Em relação às UD, a sua construção foi um trabalho moroso, complexo, sempre com o acompanhamento e auxílio do Professor Orientador. Foram seis (duas por período) as UD lecionadas ao longo deste ano letivo, entre os elementos do núcleo debatemos bastante exercícios e objetivos para as nossas turmas. Findo a leção das mesmas, realizou-se um balanço da unidade, onde é feita uma análise crítica da mesma, decisões de ajustamento que foram tomadas, sugestões de aperfeiçoamento, aspetos positivos e negativos e uma reflexão geral da mesma. Após cada aula foi realizado um relatório sobre a mesma, onde se abordava oito tópicos: Considerações Gerais; Avaliação do Comportamento dos Alunos; Avaliação das Estratégias Utilizadas; Tempo de Atividade Motora; Dificuldades do Professor; Alterações ao Plano de Aula; Sugestões / Alterações Futuras. Este foi o método escolhido por mim para fazer o relatório das minhas aulas e dos restantes colegas e professor orientador de estágio. Em relação aos colegas e ao Professor Orientador, utilizava também uma ficha de observação nas suas aulas, os restantes estagiários uma vez por semana e o professor uma vez por mês.

A construção das UD revelou-se importantíssimo não só na organização dos exercícios, nem apenas nas progressões pedagógicas, pois também me deu um

conhecimento aprofundado sobre cada modalidade em questão, conhecimento esse que quando se consegue transportar para as aulas é de um valor incalculável. Ao termos a noção que dominamos todos os conteúdos, componentes críticas, regras, entre outros pormenores das modalidades a abordar, sentimos uma confiança enorme nas nossas capacidades para conseguir resolver qualquer questão/problema/dúvida que surja durante as aulas.

PLANOS DE AULA

Passando para os planos de aula, muitas vezes a capacidade de reajustamento é mais importante que um “bom” plano de aula, e é uma das capacidades que no meu entender é determinante. Essa capacidade certamente virá em grande parte do domínio total das modalidades a lecionar. Mas o melhor seria certamente o professor conseguir prevenir todas as situações possíveis e elaborar um plano de aula de acordo com as mesmas, embora todos saibamos que há variáveis que não se podem controlar porque há sempre a hipótese de ocorrerem situações imprevistas. Assim sendo o plano de aula deve ser elaborado de forma a tentar minimizar ao máximo essas situações, tendo conhecimento total como já foi referido da modalidade em questão e tendo também conhecimento das reais capacidades e dificuldades dos alunos. Ficou estabelecido que este deveria ser composto por três colunas, a primeira de conteúdos / situações de aprendizagem (onde se coloca o que queremos abordar em cada exercício), a segunda coluna, organização (onde se coloca como os alunos estão organizados em cada exercício) e a terceira de componentes críticas / critérios de êxito (onde deve vir discriminado o que realmente o aluno deve fazer para realizar a tarefa com sucesso). Este possuía ainda um cabeçalho completo, com todas as informações relevantes relativamente a aula em questão, estava estruturado em três partes (parte Inicial, parte fundamental e final da aula). O Professor Orientador sempre batalhou bastante connosco sobre as componentes críticas, sempre nos disse que as componentes era o mais valioso do plano, pois dessas componentes críticas é que saíam os nossos feedbacks para com os alunos.

PARTICIPAÇÃO COM A UNIDADE DE APOIO ESPECIALIZADO PARA A EDUCAÇÃO DE ALUNOS COM PERTURBAÇÃO DO ESPETRO DO AUTISMO

A experiência com os alunos autistas foi sem dúvida uma das mais marcantes de todo o estágio, pois o contato próximo com este tipo de alunos é tão enriquecedor que por palavras é difícil explicar.

As aulas eram quase sempre uma incógnita, pois nunca sabia como eles se iriam apresentar, isto é, se estavam dispostos a tentar fazer, a obedecer, a perder a vertigem e o receio em determinados exercícios. Esta experiência fez-me entender ainda mais, que realmente somos todos diferentes e todos iguais, cada aluno necessitava de um acompanhamento diferente, a adaptação a eles teve que ser rápida, pois dos cinco apenas um comunicava verbalmente e poucas vezes com coerência.

A capacidade de reinventar exercícios no momento, e adaptá-los em função de cada um foi muito trabalhada e potencializada durante o ano com estes alunos.

4.2- REALIZAÇÃO/INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Era neste aspeto do Estágio Pedagógico que eu tinha mais expectativas, e que esperava adquirir e desenvolver competências necessárias, para a correta execução do cargo. Numa fase inicial foi importante conhecer os alunos e a turma com que estava a lidar, esta era composta por vinte e dois elementos, um número relativamente elevado. Optei por não enveredar por um caminho bastante comum que muitos escolhem, ser demasiado rígido ao início, apenas disse que ia ser rigoroso na segurança e que não iria permitir comportamentos desviantes. Um aspecto que me pareceu também importante foi o fato de ter falado com os alunos abertamente, e de lhes ter dito que não os ia julgar pelos comportamentos que eles tiveram em anos anteriores nem noutras disciplinas, e que portanto para mim eram todos iguais e partiam do mesmo ponto. Determinante e importante na melhoria das

aulas foi o fato de após cada aula, o núcleo de estágio realizar uma breve reunião, na qual tanto o orientador como os colegas estagiários faziam as suas observações e reparos sobre a aula lecionada, onde se salientavam aspetos positivos, negativos e outros que nem sempre eram perceptíveis a quem lecionava, e que de fato ajudaram imenso na melhoria das aulas.

Irei agora apresentar, alguns aspetos pertinentes relativos à intervenção pedagógica:

Papel da instrução

Esta era uma das minhas preocupações no início do ano, porque como já referi não tinha experiência de lecionação em terceiro ciclo, e iria ter a turma toda próxima de mim, e eu teria de corresponder ao solicitado de maneira clara, precisa e sucinta para todos, e ainda esclarecer todo o tipo de dúvidas, esta preocupação foi-se dissipando com o passar do tempo, ajudas dos orientadores, estagiários e a experiência que ia ganhando. Sendo assim, desde a primeira aula, procurei sempre explicar aos alunos o que se iria executar na aula e com que objetivo, aproveitando desde logo para expor e reforçar as componentes críticas dos gestos técnicos que iriam ser solicitados.

Apesar de nunca me ter considerado perfeito, tenho a noção que ao nível da instrução o meu desempenho foi sempre positivo e sempre a melhorar, logicamente melhor em umas unidades que noutras, pois ninguém consegue dominar todas da mesma maneira. Sempre que foi necessário exemplificar fazia-o, pois sinto-me à vontade em todas as modalidades abordadas exceto Ginástica, que nunca abordei na minha formação superior e utilizava frequentemente o questionamento aos alunos no início e fim das aulas, de forma a verificar se estes tinham adquirido os conhecimentos relativamente a aula anterior, e ao final da mesma acabada de lecionar.

Tipo e qualidade de FB

No início individualizava bastante, e repetia muito os mesmos FB, e então o professor Joaquim alertou-me para quando os alunos num número significativo repetem o mesmo erro, é mais proveitoso parar a aula e dar o mesmo FB para todos em conjunto, dependendo da situação obviamente. Mas de um modo geral tenho

noção que os FB foram apropriados e pertinentes. Apercebi-me que um FB correto e dado na altura certa têm na maioria dos casos efeitos imediatos, e que o aspeto motivacional é determinante para a predisposição dos alunos para aprenderem, o estar constantemente a elogiar quando se faz bem tem efeitos realmente bastante positivos. Sendo assim, tentei desde uma fase inicial, melhorar o feedback geral da turma ou em grupo, de forma a corrigir erros comuns a todos, e posteriormente fechando o ciclo. Devido à pouca experiência que possuía, tive alguns problemas de início em analisar dificuldades gerais da turma ou grupo e interromper a aula para os corrigir, mas com o decorrer do ano letivo as minhas capacidades de observação de erros melhoraram, e já não tenho dificuldades em interromper a aula e dar um feedback geral à turma no sentido de corrigir alguma situação que verifique que não esteja a correr bem.

Gestão de aula

Não tive problemas relevantes na maioria das aulas, com um bom ambiente e de salientar que o empenho foi sempre bastante elevado. Na parte final do primeiro período não sei se por os alunos já estarem um pouco saturados, o seu comportamento piorou um pouco, com alguns elementos a dispersarem-se mais na realização das tarefas mas sem nunca haver necessidade de intervir de forma mais firme. As aulas começaram quase sempre às horas previstas, com os alunos a mostrarem entusiasmo e vontade de aprender. O tempo perdido na transição entre exercícios foi sempre o mais curto possível. Onde por vezes notei algumas dificuldades em demasia por parte dos alunos foi na compreensão por parte destes em determinados exercícios um pouco mais complexos. E nesses casos realmente perdi algum tempo na sua explicação. Uma vez mais contei com a ajuda do professor Joaquim, para me ajudar nesse processo, pois apesar de pensar que a minha gestão de aula ser de bom nível, ele sempre me fez reparos preciosos e pertinentes. Tudo isto, juntamente com a minha cada vez maior competência no processo de ensino - aprendizagem, fez com que evoluísse na capacidade de reajustamento das aulas, transição de exercícios, readaptações de exercícios menos conseguidos, etc. Optei por não ter uma abordagem muito rígida com os alunos, o que resultou, pois estes, comportaram-se bem e demonstraram respeito por mim a todos os níveis. Desde as primeiras aulas, aquando da criação de grupos de nível,

também elaborei previamente grupos em todas as aulas, de forma a ser mais fácil dispor os alunos pelos campos finalizado o aquecimento, e diminuindo o tempo de transição.

Fruto da boa relação que mantive com todos os alunos, raramente precisei de gritar para os estes executarem os exercícios propostos, estes nunca tiveram qualquer tipo de problemas em me abordar para esclarecer questões ou dúvidas.

Também penso que é de salientar a boa relação que mantive com todos os alunos em contexto fora de aulas, como prova disso foi a pressão que fizeram junto da DT para que os acompanha-se em todas as visitas de estudo, o que só aconteceu uma vez.

Clima / disciplina / ambiente de Aula

Este tópico nunca foi um grande problema, aliás o clima de aula foi quase sempre bastante positivo, existiram casos pontuais de alunos que por vezes tiveram comportamentos desviantes, mas estes foram devidamente identificados, e rapidamente tudo voltava à normalidade. No geral a turma sempre apresentou um ótimo comportamento, onde este não foi tão bom foi na unidade de ginástica, pois havia bastantes alunos que não gostavam e outros que tinham receio de efetuar alguns exercícios.

4.3 – ESTRATÉGIAS DE AVALIAÇÃO IMPLEMENTADAS

Para que a avaliação seja um meio e não um fim, deve dar-se ênfase à componente de diagnóstico inicial e à componente motivadora para que o processo de ensino - aprendizagem obtenha sucesso. Deve ser um processo que visa verificar as mudanças operadas em relação ao comportamento inicial. Este processo deve acontecer de forma continuada, permitindo a identificação dos alunos e o repensar das estratégias. Além disso, permite dar a conhecer aos alunos os objetivos da avaliação, permitindo-lhes uma adequada auto - avaliação (Costa, 1998).

Os tipos de avaliação existentes alternam de acordo com os objetivos que o professor pretende alcançar. Assim sendo, o processo de avaliação apresenta-se detentor de um carácter não só avaliativo, mas também regulador da atividade do

professor e do aluno, permitindo efetuar reajustes dos conteúdos, de modo a ir ao encontro das reais necessidades do aluno de modo a contribuir para o êxito do processo ensino-aprendizagem.

A avaliação contempla três domínios, os domínios psicomotores, cognitivos e sócio afetivos, cujo peso na nota final depende das condições de avaliação em que se encontra cada aluno, e em três momentos distintos: início (avaliação inicial), durante (avaliação formativa) e fim (avaliação sumativa) de cada UD, com características e objetivos muito específicos. Estes três momentos de avaliação são de fato determinantes, e a sua sequência não pode nunca ser deturpada, nem nenhuma delas esquecida.

Tudo começa na avaliação diagnóstica, é a partir desta primeira observação/análise que é possível caracterizar o nível da turma e de cada aluno, permitindo ajustar a extensão e sequência de conteúdos da unidade didática em questão, tendo em conta o nível de proficiência dos alunos e realizar a extensão e sequência de conteúdos a partir do que os alunos sabem fazer.

Depois da avaliação diagnóstico vem a formativa, no meu entender a mais importante, deverá ser realizada ao longo do processo de ensino e deve-se informar os alunos regularmente acerca das suas evoluções, pontos fracos e fortes. Esta avaliação é determinante para a tomada de decisões de reajustamento do processo de ensino e aprendizagem, adaptando-o sempre às necessidades dos alunos. A avaliação assume uma função formativa quando pretendemos recolher informações que permitam uma adaptação do ensino às diferenças individuais que se observam durante a aprendizagem. Esta pode ser contínua e ocorrer informalmente em todas as aulas, ou pode ocorrer pontualmente e ser realizada após um período de atividades de ensino e aprendizagem, de forma a verificar os objetivos atingidos e não atingidos, para posteriormente trabalhar mais os pontos fracos de cada um, adaptando-se assim, o ensino a cada indivíduo. Assim sendo, a avaliação pressupõe um sistema de recolha e interpretação de dados para que, professores e alunos se possam adaptar aos progressos e problemas de aprendizagem verificados. Para daí para a frente até à avaliação sumativa as aulas serem planeadas de acordo com as novas prioridades definidas.

Em último lugar aparece a avaliação sumativa, que é o somatório final dos aspetos abordados ao longo de cada UD, e tem como propósito aferir em que níveis se

encontram a turma e os diversos Alunos. Esta avaliação representa o final de uma unidade didática, e as notas obtidas pela turma também devem servir de reflexão para alunos e professor, para este diagnosticar sobre os seus métodos e exercícios utilizados. Assim sendo esta avaliação fornece dados no sentido de melhorar o processo de ensino - aprendizagem em futuros processos semelhantes e os caminhos que se devem ou não traçar para alcançar os objetivos, através da análise dos dados.

Avaliar foi de fato difícil, pois tinha sempre a preocupação de ser injusto para os alunos, isto devido a algumas indecisões criadas no momento de avaliar, mas logicamente tive que ser imparcial e é de plena consciência que sei que a avaliação foi justa para todos. Aquando da avaliação sumativa, e da atribuição de notas, ainda mais difícil foi, isto porque a avaliação depende da nossa capacidade de observação e interpretação das capacidades dos alunos, e devido a alguma inexperiência, tememos que essa capacidade de observação não esteja ainda bem desenvolvida. O que senti foi que quanto mais detalhada e criteriosos forem os parâmetros de avaliação menos dúvidas há e mais justo a achamos.

4.4 – COMPONENTE ÉTICO-PROFISSIONAL

Mesmo que esta vertente não desse reprovação em caso de incumprimento, penso que seria ridículo alguém não a ter em conta. Posto isto, fui sempre exemplar na relação com todos os atores presentes na escola, desde a DT, passando pelos restantes professores e funcionários, recebi sempre com agrado os conselhos que me foram dando, tive sempre disponibilidade total para ajudar a desempenhar qualquer tarefa que me fosse proposta, como por exemplo, os corta matos, plantação de árvores, carregamento de areias, lecionação de aulas do professor Joaquim quando este não podia. Fui sempre assíduo e pontual, nunca cheguei atrasado a nenhuma aula, nem nunca faltei, observei todas as aulas dos meus colegas e orientador. Exceto quando o núcleo estava reunido para fazer algum trabalho.

Outro ponto essencial foi o excelente relacionamento com os restantes estagiários e fundamentalmente com o Professor Orientador, pois esta excelente relação proporcionou momentos de animados debates sobre os mais diversos temas, tendo ajudado em muito a minha evolução em todos os aspetos. Há sempre muitas coisas que não percebemos ou ainda nem sequer pensamos, devido á pouca experiência de vida e profissional, e quando se ouve uma certa opinião/dica num momento oportuno pode ser decisivo, e diversas vezes eu o senti nas conversas com o Professor Orientador.

4.5- JUSTIFICAÇÃO DAS OPÇÕES TOMADAS

No fim de cada aula era feita uma reunião para discutir as opções tomadas, as evoluções, progressões, entre outros pormenores. Estas reuniões foram no meu ponto de vista, as mais decisivas de todo o processo, pois faziam-me refletir sobre as ações tomadas, perceber se realmente tinha tomado ou não as decisões mais acertadas, se tinha ou não agido da melhor maneira em determinada situação, entre outros aspetos.

Relativamente à realização, e à lecionação, cada professor tem o seu próprio “estilo”, não vou dizer que o meu estilo foi melhor ou pior que os restantes estagiários, foi no meu entender o mais adequado em relação à turma em questão. Neste ponto foi fundamental as observações e críticas, tanto dos orientadores no sentido de corrigir aspetos que deveriam ser melhorados, como dos próprios colegas, com os quais havia uma troca de ideias constante no sentido de ajudar a melhorar aspetos na condução das aulas. Como devem ser criadas rotinas de comportamento, antes, durante e depois da aula, de modo a rentabilizar ao máximo o tempo disponível, sempre o tive em consideração, e logicamente sempre criei essas rotinas. No início de cada aula fiz a ligação entre os conteúdos abordados na aula anterior e os conteúdos e objetivos da aula em questão. Tentei focar sempre com clareza os pontos fundamentais, para promover a motivação e o empenho dos alunos na realização das diferentes tarefas. No aquecimento sempre que possível incluí uma componente lúdica. A utilização de jogos lúdicos, o mais específico

possível relativamente aos conteúdos da aula, permite a familiarização dos alunos com os elementos a abordar e constitui uma motivação extra para a aprendizagem. Para a explicação dos gestos técnicos optei por ser quase sempre eu próprio a demonstrar, pois sinto-me à vontade em praticamente todas as modalidades, ou por alunos, dependendo do objetivo que queria, pois houve situações em que coloquei um aluno bom a exemplificar, para servir de referência motora, mas também coloquei alunos com mais dificuldades para os restantes alunos perceberem e eles apontarem o que estava mal, fazendo sempre referência às componentes críticas do gesto. No final de cada aula foi feita uma revisão dos conteúdos e objetivos, bem como a extensão aos conteúdos a abordar na aula seguinte.

Em termos do posicionamento em aula, sei que nem sempre foi o mais correto, mas com os reparos feitos por ambos os orientadores melhorei nesse aspeto. A arrumação do material utilizado foi feita pelos alunos, sobre a minha orientação, até para se habituarem ao correto manuseamento do material e sua nomenclatura.

Em relação à adaptação das condições de jogo, como se sabe, durante o processo ensino - aprendizagem é fundamental isolar os fatores perturbadores do sucesso nas tarefas, pelo que se tornou fulcral adaptar (ou condicionar) as condições de jogo, tais como:

- Simplificação das regras;
- Modificação do espaço de jogo;
- Variação/ redução da oposição.
- A utilização dos jogos reduzidos.

Jogos reduzidos que devem, satisfazer os seguintes critérios:

- Manutenção do objetivo do jogo;
- Todos os elementos estruturais essenciais ao jogo formal devem ser conservados;
- O ataque e a defesa devem estar sempre ligados;
- Passagem natural da defesa para o ataque e vice-versa;
- As tarefas dos jogadores não devem ser completamente determinadas.

Claro que todas estas condições referidas anteriormente, muitas das vezes, foram alteradas sem estar a pensar diretamente nelas, ou seja, muitas vezes é o nosso feeling que nos diz o que devemos fazer, por vezes olhava para os exercícios

imaginava-me a realizá-los e pensava se calhar não é bem isto, e alterava uma ou outra condição.

ORGANIZAÇÃO / GESTÃO

Em relação à colocação dos alunos, sentados à frente do professor no início da aula, de facto permite ter o controlo da turma e visualizar todos os alunos, revelou-se muito importante na diminuição de comportamentos desviantes. Tentei sempre passar a informação inicial de uma forma simples e direta, não só para os alunos perceberem rapidamente o pretendido mas também para perder pouco tempo da aula. As demonstrações foram feitas sempre que assim o entendia, ou por mim ou por alunos, como já disse anteriormente dependendo dos objetivos. A montagem do material era feita no início da aula, para evitar perdas de tempo e da ativação geral ou paragem de execução muito prolongada. O estabelecimento de grupos era feito por mim previamente, pois optei sempre por utilizar grupos de nível em todas as unidades, não acho correto os grupos serem formados de forma aleatória, pois assim a evolução é comprometida tanto para os alunos com mais potencial como os de menos. Um aluno bom num grupo de nível baixo desmoraliza rapidamente, pois para si não é estimulante, apenas deve passar por estes grupos de nível mais baixos com uma missão definida, e por pouco tempo, como por exemplo, servir de exemplo motor. Claro que ao contrário isto também se aplica, pois quando colocava um aluno com um nível de desempenho mais baixo com alunos melhores, este também desmoralizava porque não conseguia ter influência no jogo. Esta situação dos grupos de nível pode e deve ser gerida de uma maneira criteriosa, séria e rigorosa, pois, dentro de grupos de nível existem sempre uns que se destacam mais que os outros. E no meu entender é muito fácil que estes alunos percam a motivação, e para isso não suceder cabe ao professor estar atento a todos os sinais que estes alunos possam nos dar, e atuar de imediato, criando novos desafios a estes alunos, dificultando-lhes a tarefa de modo a aproximá-los dos restantes. Como por exemplo, só utilizar o pé ou mão mais fraca, dependendo do desporto em questão. Tal também deve funcionar ao contrário, logicamente dependendo da

situação, ou seja, devemos dar soluções aos mais fracos para estes se aproximarem dos melhores e assim não desmoralizarem e continuarem empenhados a evoluir.

Em relação aos feedbacks, devem ser constantes sobre a qualidade da sua prestação e encorajar os alunos é também decisivo, esta perceção foi aumentando claramente ao longo do ano. Utilizar FB prescritos e positivos, como forma de apoiar/controlar ativamente a prática do aluno. Em relação à individualização dos FB, foi algo que fui corrigido e de facto melhorei logo de seguida, ou seja, muitas vezes a maioria dos alunos estão a cometer o mesmo erro, então é mais fácil e produtivo optar por parar a aula e dar o mesmo feedback a toda a turma.

A gestão de uma aula deve obedecer aos seguintes pontos:

- Começar a aula à hora determinada;
- Apresentação simples, clara e rápida da tarefa;
- Redução dos tempos de espera na tarefa, na transição e na organização;
- Estabelecimento de rotinas.

Eu sempre o tentei fazer desde o início e realmente as aulas com estas rotinas e regras bem definidas, correm de uma forma organizada e fluída.

Mas claro que nem sempre consegui que os tópicos acima fossem cumpridos, bastava a turma chegar atrasada à aula, que não conseguia cumprir com o plano de aula e aí tinha que readaptar o plano às circunstâncias. Não era apenas nessa situação que o fiz, pois houve vezes que os exercícios não resultaram, ou porque estava mal delineados para o seu objetivo, ou porque os alunos não perceberam, ou porque não se estavam a esforçar o suficiente, entre outros aspetos que sucederam.

Todos estes aspetos fazem parte da gestão de uma aula, e a capacidade de readaptar os exercícios consoante as necessidades evidenciadas em aula foi realmente uma das capacidades mais importantes que desenvolvi no estágio.

CLIMA / DISCIPLINA

Em primeiro lugar, para Gragey (s.d., cit. In Alonso, 1988) a “boa disciplina” refere-se a situações em que os alunos estão motivados para aprender, dirigindo a sua

energia para as atividades propostas pelos professores. Logo cabe aos professores criar um clima propício para que os alunos se sintam motivados para tal.

Outro ponto determinante dentro deste tema, são os comportamentos apropriados, pois estes dependem de bastantes fatores, para Rosado (1990), os comportamentos apropriados dependem dos contextos culturais, sociais e económicos, das conceções educativas de determinado micro - meio (escolas, culturas particulares) ou dos próprios professores (conceções educativas e posições filosóficas e ideológicas). Ou seja é de facto bastante subjetivo o que é um comportamento apropriado ou não, e quando Rosado fala de todos os fatores referidos não são certamente apenas direcionados aos alunos, pois professores de diferentes zonas podem não ter a mesma perceção de comportamentos apropriados.

Não se pode falar de disciplina sem falar de indisciplina, e assim sendo, Estrela (1992, p.15) define indisciplina como "desordem proveniente da quebra das regras estabelecidas e/ou perturbação ao nível do funcionamento da aula". E daí que o essencial é as regras de facto estarem bem explícitas e claras para não haver hipóteses de várias interpretações. Um comportamento não deve ser ignorado por um professor e sobrevalorizado por outro, deve haver portanto um padrão de ação por parte dos professores.

Não se pode falar também de indisciplina sem falar de comportamentos inapropriados, e desse modo, segundo Pieron (1996), comportamentos inapropriados são definidos como os comportamentos que se opõem às regras habituais da aula ou às normas sociais de comportamento. E como inapropriados que são não se deve ignorar este tipo de comportamentos.

E sobre as causas da indisciplina, Estrela (1986), refere, a falta de maturidade e /ou uma forma de libertação de tensões e energia por parte dos alunos. Os alunos de facto apresentam uma falta de maturidade, e muitos deles veem a aula de EF um pouco como o recreio, não apenas por culpa deles mas também por culpa de alguns professores de outras disciplinas. Porque ainda existem professores que arrastam as suas aulas pelo intervalo e dizem aos alunos que não tem mal se chegarem atrasados porque a aula seguinte é EF. Fico perplexo como isto nos dias de hoje ainda acontece, e deixa-me triste esta falta de valorização da nossa disciplina por outros professores.

Em minha opinião há algumas regras que nunca devem ser descuradas, e são:

- Ter sempre presente as regras e normas para a disciplina em questão, pois sem disciplina não há um clima propício às aprendizagens;
- Ser pessoal no relacionamento com os alunos, estes gostam de uma certa aproximação ao professor, não gostam de sentir que há uma grande distância entre ambos;
- Envolver os alunos no processo ensino – aprendizagem, é completamente decisivo, pois eles são o centro deste processo;
- Ignorar o comportamento inapropriado sempre que possível, pois há comportamentos que sendo irrelevantes e desde que não condicionam o funcionamento da aula devem ser ignorados;
- Ser justo e tratar de igual maneira todos os alunos, este ponto é muito importante, pois o professor é o centro de atenções de todos os alunos, e se estes perceberem que há diferentes medidas e diferentes pesos vai ser difícil controlar a turma, pois alguns vão sentir-se injustiçados;
- Elogiar o bom e o mau executante, não comprometendo assim a sua evolução e empenhamento, como no tópico anterior, o tratamento deve ser igual para todos os alunos;
- Utilizar o contacto visual, a postura, a imagem e expressões faciais, para apelar, receber e provocar atenção;
- Dar responsabilidade aos alunos no sentido de estes perceberem que fazem parte de todo o processo;
- Sensibilizar os alunos para o trabalho a desenvolver no sentido de cumprirem com os objetivos comportamentais terminais e desta forma, responsabilizar os alunos pela sua evolução.

4.6- APRENDIZAGENS REALIZADAS COMO ESTAGIÁRIO

No decorrer deste ano letivo enquanto estagiário, foram imensas as aprendizagens realizadas, posso mesmo dizer que as minhas expectativas foram claramente ultrapassadas. Em primeiro lugar aprendi a viver diariamente como professor de uma escola, algo novo para mim, em todos os sentidos, pois apesar de já ter experiência

a lecionar ao primeiro ciclo é completamente diferente, tanto a nível de exigência, de preparação, de trabalho de casa como de disponibilidade da minha parte.

Este estágio foi realmente rico em situações de aprendizagem, enquanto professor, assessor do DT, organizador de eventos, colega de outros professores tanto do núcleo como de fora. A experiência e o background adquiridos foi realmente imenso. Tenho a noção que tinha lacunas e continuo certamente a tê-las, mas tenho a noção que saio claramente deste estágio muitíssimo melhor preparado do que quando começou. De início não foi fácil ultrapassar as dificuldades, mas com um esforço mental da minha parte, com procura de informação adicional, com a ajuda dos orientadores e dos colegas de estágio tudo foi mais fácil. E com o tempo essas dificuldades foram-se dissipando. Agora posso afirmar que o posicionamento durante a aula é quase sempre correto, e que os feedbacks são dados com mais frequência e com muito mais informação realmente pertinente do que antigamente. Em relação à avaliação, acabei o ano muito mais confiante nas minhas qualidades de análise de percepção/observação das verdadeiras potencialidades dos alunos.

4.7- COMPROMISSO COM AS APRENDIZAGENS DOS ALUNOS

No início senti um certo receio que a minha inexperiência pudesse de algum modo afetar a aprendizagem/evolução dos alunos, tal não se veio a verificar, tendo os alunos, no meu entender, além de terem saído satisfeitos deste ano letivo da forma como decorreu a EF, também obtiveram uma evolução significativa das suas capacidades em todas as modalidades, comparativamente com o nível que apresentaram às mesmas no início de cada UD.

Pelo FB que fui tendo do Professor Orientador e dos alunos, estes evoluíram, gostaram das aulas e ainda tinham grande apreço por mim.

4.8- DIFICULDADES SENTIDAS E FORMAS DE RESOLUÇÃO

Em relação às UD, inicialmente tive dificuldades na sua elaboração, e demorava algum tempo a concluí-los, isto foi devido ao facto de ter muitas indecisões quanto aos exercícios a abordar, como aborda-los, se eram pertinentes e se seriam os melhores a aplicar numa ou outra situação em particular. Mas com o passar das aulas, o conhecimento da turma e suas necessidades, com o aumento da experiência, a ajuda do Professor Orientador e dos colegas foi sendo cada vez mais fácil e mais célere. A confiança em mim e na minha escolha de exercícios, e de componentes críticas mais importantes foi aumentando ao longo do ano letivo, os planos foram-se tornando mais completos e de mais fácil compreensão para quem os consultasse.

Nos meus primeiros relatórios praticamente me limitava a relatar o que tinha ocorrido em cada aula e eram bastante sucintos, o Professor Orientador alertou para esse fato, e alertou para a importância de relatórios ricos em observações e informações. Logicamente aceitei os seus reparos, e comecei a elaborar relatórios mais elaborados e com mais informação pertinente.

Nas aulas com os autistas senti imensas dificuldades em encontrar exercícios que se adaptassem a eles, pois para além de eles possuírem capacidades completamente distintas, e reagirem de maneira diferente ao toque, ao som e aos próprios exercícios condicionou de facto bastante. Falei com o orientador da escola, com as professoras do ensino especial, com colegas de estágio, pesquisei em livros e artigos. Cheguei à conclusão que tal como diz Sacks, 1994, “O primeiro passo é conhecer como é cada pessoa individualmente no contexto geral do autismo, e as interações emaranhadas e criativas entre as características autistas e outras qualidades do individuo, desta maneira: não há duas pessoas com autismo que sejam iguais”. E assim sendo, os exercícios tal como nas aulas da minha turma, tiveram de ser adaptados aos alunos em questão.

Outras dificuldades sentidas foram ao nível do FB, no início individualizava bastante, e repetia muito os mesmos FB, e então o professor Joaquim alertou-me para quando os alunos num número significativo repetem o mesmo erro, é mais proveitoso parar a aula e dar o mesmo FB para todos em conjunto, dependendo da situação obviamente. Mas de um modo geral tenho noção que os FB foram apropriados e pertinentes. Apercebi-me que um FB correto e dado na altura certa têm na maioria dos casos efeitos imediatos, e que o aspeto motivacional é determinante para a

predisposição dos alunos para aprenderem, o estar constantemente a elogiar quando se faz bem tem efeitos realmente bastante positivos. Sendo assim, tentei desde uma fase inicial, melhorar o FB geral da turma ou em grupo, de forma a corrigir erros comuns a todos, e posteriormente fechando o ciclo. Devido à pouca experiência que possuía, tive alguns problemas de início em analisar dificuldades gerais da turma ou grupo e interromper a aula para os corrigir, mas com o decorrer, a ajuda do Professor Orientador e do Professor Supervisor (quando vinha assistir), fui melhorando ao longo do ano as minhas capacidades de observação de erros, e já não tenho dificuldades em interromper a aula e dar um feedback geral à turma no sentido de corrigir alguma situação que verifique que não esteja a correr bem.

A avaliar também senti dificuldades, pois tinha sempre a preocupação de ser injusto para os alunos, isto devido a algumas indecisões criadas no momento de avaliar, mas logicamente fui imparcial e é de plena consciência que sei que a avaliação foi justa para todos. Aquando da avaliação sumativa, e da atribuição de notas, ainda mais difícil foi, isto porque a avaliação depende da nossa capacidade de observação e interpretação das capacidades dos alunos, e devido a alguma inexperiência, tememos que essa capacidade de observação não esteja ainda bem desenvolvida.

Expus o problema ao orientador Joaquim e ele apenas me disse, que os critérios de avaliação estavam definidos, e portanto bastava ser isento e rigoroso que não havia problema. Foi o que fiz, fui justo e imparcial para todos. Com o passar das sucessivas avaliações estas questões/problemas deixaram de existir.

Em termos do posicionamento em aula, sei que nem sempre foi o mais correto, mas com os reparos feitos por ambos os orientadores, e até colegas de estágio melhorei nesse aspeto. Muitas vezes os alunos esperavam que virasse costas para fazer uma brincadeira qualquer, chutar uma bola, etc. De facto não se pode nunca virar costas à turma, e quando se quer explicar algo para todos é melhor juntá-los e explicar a todos.

Outra dificuldade sentida foi o fato de os alunos começarem a desmotivar para a parte final de cada unidade didática. No meu entender seis semanas consecutivas da mesma modalidade é exagerado e saturante, penso que se podiam dar duas unidades em simultâneo.

4.9- NECESSIDADE DE FORMAÇÃO CONTÍNUA

Realmente a evolução que tive foi imensa e eu sinto isso, mas logicamente há aspetos a melhorar, no controlo da turma, na escolha de exercícios mais cativante e diversificados, aquecimentos específicos diferentes, etc. Posto isto, a necessidade da formação contínua apresenta-se como um elemento chave para essas aquisições e desenvolvimento dessas competências, juntamente com a experiência que se vai acumulando. Penso que a formação é importante não só para nós professores que estejam a começar, mas também para todos os outros que já lecionam há mais tempo, pois a evolução é constante e temos de estar sistematicamente em sintonia com a evolução. Aos professores de EF cabe a tarefa de procurar constantemente novos e estimulantes exercícios, procurar maneiras de lidar com o insucesso e a indisciplina e aumentar constantemente o nosso conhecimento de tudo o que está implícito à nossa disciplina.

Por todas estas razões penso que é fundamental a constante procura por formação na área da EF, sendo que eu tenciono evoluir bastante na área Ginástica, pois é uma modalidade que não me sinto muito à vontade.

4.10- CAPACIDADE DE INICIATIVA E DE RESPONSABILIDADE

A capacidade de iniciativa e de responsabilidade foi um aspeto no qual cumpri totalmente, nem fazia sentido que assim não fosse.

Cumpri na íntegra todas as normas e prazos que me foram pedidos, colaborei não apenas em ações do nosso núcleo mas também fora deste, tive a iniciativa de preparar duas atividades em conjunto com os meus colegas.

Antes de nos terem informado que a assessoria deveria ser feita até ao final do ano já eu me tinha oferecido à DT para que isso acontecesse, pois o que tinha aprendido até então tinha sido realmente positivo, e só fazia sentido em continuar.

Sempre que o professor Joaquim não podia lecionar uma aula a uma das suas turmas, eu oferecia-me de imediato para o fazer, e assim sucedeu por diversas vezes.

4.11- IMPORTÂNCIA DO TRABALHO INDIVIDUAL E DE GRUPO

Este estágio foi claramente uma mistura entre trabalho individual e de grupo. O trabalho de grupo, foi fundamental e quase constante, pois começou com o plano anual, foi passando pelas UD e pelas atividades por nós desenvolvidas. Para além das constantes discussões que tinha com os restantes estagiários sobre as aulas, o que poderia ser melhorado, o que estava bem mas podia ser melhor, diferentes exercícios, etc.

Apesar disso, a maior parte foi trabalho individual, de pesquisa de exercícios e progressões, relatórios individuais, bibliografia para suportar as unidades didáticas, entre outros. Embora muitos dos documentos pudessem ser praticamente iguais procurei sempre deixar o meu cunho pessoal nos documentos individuais.

4.12- IMPACTO DO ESTÁGIO NA REALIDADE DO CONTEXTO ESCOLAR

Eu procurei desde o início ter impacto no contexto escolar, não só através das atividades desenvolvidas pelo núcleo, mas também pela participação ativa em todas as atividades organizadas e realizadas na escola.

Não foi apenas em atividades que participei, pois também plantei uma árvore no dia da árvore, participei na construção de uma horta, colaborei na logística dos corta matos realizados, etc.

Para além disto gostaria de realçar a excelente relação com algumas pessoas na escola, principalmente com o Professor Orientador, mas também com a Professora Diretora de Turma do 9ºA, que muito me ajudou e aconselhou, e com outros professores que sempre me aconselharam em relação a muitos aspetos que deveria

ter em conta para ter sucesso. A relação com determinados funcionários também gostaria de realçar pois foi decisiva, principalmente com as funcionárias do pavilhão, da reprografia e do bar.

Este tipo de relações contribuiu bastante para a minha rápida integração na escola, e grande felicidade em ter estagiado nela.

4.13- EXPERIÊNCIA PESSOAL E PROFISSIONAL DO ANO DE ESTÁGIO / PRÁTICA PEDAGÓGICA SUPERVISIONADA.

Esta experiência pessoal e profissional decorrente deste ano de estágio, permitiu-me potenciar as minhas capacidades em todos os âmbitos, para além das minhas expectativas iniciais. Todas as minhas expectativas iniciais foram atingidas e até ultrapassadas.

Melhorei muito as minhas capacidades de planeamento, interação com os alunos, perceção que cada aluno é diferente, logo a sua forma de aprender também será diferente. Entendi a utilidade da procura constante de novas formações, novas formas de abordar as matérias e além disso adquirir novas competências no que toca ao desempenho do cargo de DT e ainda na organização de atividades na escola.

O balanço deste ano não poderia ser outro senão ter sido extremamente positivo, esta prática pedagógica supervisionada realizou-me bastante, foi como já referi superior às minhas expectativas, o estágio deu-me as ferramentas para daqui para a frente continuar a trabalhar e a estudar de forma a que no futuro possa ser um bom docente de EF.

5- DIDÁTICA DO BASQUETEBOL EM AMBIENTE ESCOLAR

5.1 - INTRODUÇÃO AO TEMA

Escolhi este tema por vários motivos, pelo fato de ser um apaixonado pela modalidade, de ter sido federado desde o escalão mais baixo até aos séniores, porque pretendo saber mais e conhecer melhor esta modalidade sem ser como praticante e porque com os meus conhecimentos e aprendizagens sinto que posso ser útil aos alunos.

Fiz a minha formação na Associação Naval 1º de Maio, dos dez aos dezoito anos sensivelmente, depois transferi-me para o Ginásio Clube Figueirense, onde joguei por uma época. Decidi continuar os meus estudos e larguei o Basquetebol, entrei para a Universidade da Beira Interior onde joguei na equipa universitária. Durante a minha formação académica fui perdendo o entusiasmo pela modalidade, pois o nível da equipa universitária era baixo, mas mesmo assim continuei com alguma regularidade a frequentar treinos e jogos. No fim da licenciatura, e de regresso a casa senti falta da modalidade, fui então jogar uma época e meia para o Infante Montemor (equipa B do Ginásio Clube Figueirense), mas uma lesão com alguma gravidade num tornozelo fez com que acabasse a época mais cedo e que até hoje nunca mais tenha tido contacto direto com a modalidade.

Mas este ano o estágio proporcionou-me de novo um contacto com a modalidade, e a vontade de saber mais e alargar os horizontes sobre a modalidade surgiu. Optei então como tema a desenvolver – Didática do Basquetebol em ambiente escolar.

5.2 - INTEGRAÇÃO DE CONHECIMENTOS DE CARÁCTER CIENTÍFICO

Segundo Carvalho (1994), “o professor só pode promover o sucesso pedagógico se reconhecer as principais dificuldades e potencialidades dos alunos”. E assim sendo só através de uma avaliação diagnóstica competente, e de uma avaliação formativa constante e focada às reais exigências do Basquetebol, se pode corrigir dificuldades e potencializar virtudes.

A sequência dos gestos técnicos a ensinar, logicamente depende da avaliação inicial de cada turma, e eu não fugi à regra. Se a turma nunca tivesse tido Basquetebol, segundo Araújo (1988), a sequência de gestos técnicos a serem apreendidos deveriam ser:

- Dribling;

- Lançamento na passada com dribling;
- Passe;
- Lançamento na passada após passe;
- Desmarcação;
- Lançamento de campo.

Mas antes de definir metodologias e didáticas é preciso que o professor tenha noção de cinco pontos determinantes que lhe são exigidos, segundo o Gabinete de Basquetebol do ISEF, 1984:

- Competência;
- Inteligência;
- Autoridade;
- Maturidade;
- Disciplina e rigor.

Em relação à avaliação, Blázquez Sánchez (1996), diz que um programa de avaliação é adequado quando:

- Se relaciona com os objetivos da educação;
- É integral e uniforme, ou seja, relaciona-se com todo o programa escolar;
- Utiliza diversos procedimentos e técnicas para obter os dados;
- Está estruturado de uma maneira coerente e contínua;
- É funcional e prático, encontrando-se ao alcance dos professores.

5.3 - CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA/PROBLEMA

Os conteúdos definidos pelo grupo disciplinar além do regulamento do jogo foram:

Ações técnico-táticas

- Pega da bola;
- Posição de base defensiva e ofensiva;
- Passe de peito, picado, por cima da cabeça e passe de ombro;
- Recepção;
- Drible;
- Fintas;
- Lançamento em apoio, em suspensão e na passada;
- Ressalto ofensivo e defensivo;
- Enquadramento ofensivo;
- Enquadramento defensivo;
- Defesa ao jogador com bola;
- Defesa ao jogador sem bola;
- Ataque;
- Defesa.

E a partir deles e da avaliação diagnóstico construí a UD. Não como eu tinha previamente pensado, pois como os alunos eram do 9º ano, sempre pensei que já tivessem num patamar superior de desempenho. Tanto que tinha cogitado em abordar a modalidade um pouco como a escola americana – finta com bola, saídas rápidas para contra ataque e até introduzir bloqueios. Para meu espanto na primeira aula de avaliação diagnóstico, o nível de execução da maioria da turma era fraquíssimo. (ANEXO 1)

Para dar um exemplo, o trabalho de pé eixo deveria ter sido aprendido no 7º ano, e tive que despender algumas aulas na sua explicação e reforço porque muitos dos alunos nem sabiam distinguir paragens a um ou dois tempos.

De um modo geral, a turma apresentou uma média positiva (3,18), analisando individualmente, só quatro alunos tiveram nota inferior a 3, onze obtiveram nota 3 e sete notas 4 e uma nota 5. Mas analisando os dados percebe-se facilmente que os

tinham imensas limitações, pois nas técnicas mais simples (passe e receção) obtiveram 3,18 de média. Relativamente aos restantes itens de avaliação, 2,72 no lançamento, 2,9 no drible, 2,63 no ressalto, e 2,6 na desmarcação.

Pode-se então constatar que os alunos apresentam nota positiva (mas baixa) apenas às componentes de passe e receção, apresentando grandes dificuldades nas quatro restantes, lançamento, ressalto, desmarcação e drible.

Os quatro alunos que apresentaram nota 2 de fato apresentavam grandes dificuldades, não tendo apenas em conta os itens analisados mas também em termos de leitura de situação de jogo, das regras básicas e da ocupação de espaços. Os alunos de nível 3, apesar de estarem num patamar de positiva, muitos deles estavam perto da negativa, e apresentavam também grandes dificuldades ao nível da leitura de jogo e colocação em campo. Os de nível 4, apresentaram realmente algumas qualidades, mas mais individualmente do que em termos de jogo coletivo, tendo também dificuldades de leitura de jogo, colocação em campo, entre outros. De destacar uma aluna que obteve nota 5, onde verifiquei claramente que frequenta a modalidade fora da escola e daí possuir um grande à vontade na modalidade em questão.

Posto isto, cheguei às conclusões que a turma era de facto bastante heterogénea e que iria ter que agrupar os alunos por níveis de proficiência (grupos de nível). Da análise dos dados da minha observação não quantificada foi fácil concluir que a turma, no geral, apresentava um baixo nível de execução técnico-tático, não tendo claramente noção de distribuição em campo e ocupação de espaços, desconhecendo também estratégias a nível defensivo.

Esta avaliação juntamente com os conteúdos definidos pelo grupo disciplinar possibilitou escolher as propostas de intervenção para a turma, que passaram por trabalhar bastante o passe e a receção, que é o essencial nesta modalidade, sem estes dois aspetos técnicos não há jogo, depois trabalhar bastante o lançamento que depois do passe e receção é o mais importante e só depois o drible, que apesar de importante é possível jogar sem ele. Posteriormente, explorar bastante várias situações de jogo reduzido (3x3, 2x2 e situações de superioridade numérica) que permitiram desenvolver também mais a nível tático, principalmente desmarcações (ocupação racional do espaço de jogo) e marcações (enquadramento defensivo).

A turma revelou gosto pela modalidade, o que é sempre positivo, pois facilita a motivação. Sendo importante e ter em atenção que os alunos também adquiram competências no domínio cognitivo (conhecimento do jogo) e sócio - afetivo (relacionamento com os colegas, respeito pelas decisões do árbitro e cumprimento das regras de segurança).

5.4 - ESTRATÉGIAS DESENVOLVIDAS

Tendo em conta a avaliação inicial e de modo a não aumentar o fosso entre alunos melhores e piores e a manter a motivação optei como já foi dito durante as aulas por ter os alunos divididos em grupos de nível.

O facto de ter a turma dividida por grupos de nível, mantém os alunos mais controlados e focalizados nas tarefas, pois como o nível de desempenho é idêntico e os alunos são bastante competitivos têm tendência para se manterem empenhados. Ao fazer uma seleção aleatória dos grupos ia estar claramente a comprometer as aprendizagens dos alunos, pois os mais fortes iam desmoralizar porque não tinham quem combina-se com eles a nível ofensivo, e a nível defensivo não encontrariam oposição à altura. Os alunos de nível mais baixo também iriam desanimar porque ao estarem juntos sistematicamente com colegas melhores, ia fazer com que tocassem poucas vezes na bola no ataque e que na defesa fossem constantemente ultrapassados, o que iria certamente descer os níveis de motivação e empenho destes. Não quero com isto dizer que os alunos devam estar sempre separados, pois por vezes juntava um ou dois elementos do grupo de nível mais forte com os menos dotados, para assim terem uma imagem motora a seguir, e para também fazer ver aos melhores que podem ter um papel instrutivo para além de simplesmente aprender.

Na primeira aula após avaliação diagnóstica, esclareci logo os alunos sobre o que realmente era preciso trabalhar para evoluir, disse-lhes que sem receção e passe não pode haver jogo, e que o drible é o elemento técnico menos decisivo numa aprendizagem inicial de Basquetebol, e por isso o drible ia ser o elemento menos

trabalhado, pois passe, recepção e lançamento é mais importante tendo em conta as necessidades que ele apresentavam.

Sendo assim por ordem, as técnicas a serem abordadas seriam:

- Passe/recepção;
- Desmarcação;
- Lançamento na passada com passe;
- Drible;
- Lançamento na passada com drible;
- Lançamento de campo.

Em relação à aluna de nível 5, vou utilizei-a sempre que foi preciso exemplificar algum exercício, e vou dificultei as suas tarefas ao máximo de forma a equilibrar o seu jogo em relação aos colegas, por exemplo obrigando-a a só driblar com a mão mais fraca, ou a não poder lançar de dentro do garrafão, entre outras condicionantes.

A passagem do conhecimento teórico ao prático, não foi muito difícil devido ao meu conhecimento praticamente absoluto da modalidade e com a ajuda da bibliografia acima consultada ainda mais fácil se tornou.

Tentei que a minha movimentação fosse homogénea pelos dois grupos, apesar de o grupo mais fraco necessitar de maior quantidade e qualidade de FB.

Utilizei os espaços e recursos disponíveis de forma a rentabilizá-los ao máximo, e consegui então ter constantemente dois campos disponíveis, com quatro tabelas e bolas para todos os alunos.

Mais uma vez face à heterogeneidade da turma, muitas vezes os exercícios eram distintos para os grupos de nível diferentes. Por vezes os alunos do grupo inferior ficavam sentidos/magoados por verificarem que os exercícios não eram iguais, e então tinha que lhes explicar o porquê dessa situação acontecer.

Tive sempre atenção máxima à minha postura, imagem, palavras, atitudes e interesse demonstrado pois para sermos respeitados temos que ser uma referência/modelo na aula, pois como Maria Teresa Estrela em 1994 realça” Os alunos sentindo-se ignorados pelo professor manifestam comportamentos de desinteresse e de fuga à tarefa (...)”

Falando agora de um tema que na minha opinião é determinante, aquecimento específico, optei por nunca fazer exercícios isolados, nem só corrida nem só drible

por exemplo, pois na minha opinião não tem lógica trabalhar um elemento técnico separado da vertente de jogo/competição. Esta minha ideia é suportada por Araújo, 1998, quando diz que “treinar em abstrato os gestos técnicos, conduz a um mecanicismo de aprendizagem, nada correspondente às necessidades criativas contidas no jogo de basquetebol. “

Em relação à indisciplina, felizmente não tive razões de queixa, apenas ocasiões pontuais de comportamentos fora da tarefa mas nada de relevante, e falando na indisciplina, Silva e Krug, 2007, diz que “os professores de Educação Física, vão tendo dificuldades de controlo das suas turmas, à medida que a faixa etária dos alunos diminui”. Realmente verificou-se tendo em conta a observação das turmas, e do FB dado pelos professores. Logicamente que essas questões estão relacionadas com o amadurecimento dos alunos ao longo dos anos.

5.5 - ALTERAÇÕES E/OU RESULTADOS OBTIDOS

A minha metodologia aplicada teve efeito positivo e para o comprovar está a tabela da avaliação diagnóstica (ANEXO-2), onde se pode observar que de um modo geral, a turma apresenta uma média positiva (3,71), o que logicamente é positivo, pois na avaliação diagnóstica a média era de 3,18, houve então uma subida de mais de meio valor.

Analisando individualmente, não houve nenhuma nota inferior a 3, houve seis 3, catorze notas 4 e uma nota 5. Esmiuçando o quadro percebe-se facilmente que os alunos continuam a ter mais à vontade ao nível do passe e receção, pois obtiveram em média, 3,76. Relativamente aos restantes itens de avaliação, Ultrapassa em drible o adversário, lançamento, desmarcação para receber a bola e recuperação depois de perder a bola é de 3,23 a todos eles. O que quer dizer que houve evolução em todos os parâmetros.

Os quatro Alunos que tinham apresentado nota 2 na avaliação diagnóstica evoluíram significativamente, melhorando em todos os aspetos, principalmente na compreensão de jogo. Os alunos de nível 3, já não estavam num patamar de quase negativa como tinham estado anteriormente, até estando alguns deles perto da nota

4, realmente evoluíram bastante, no lançamento, compreensão de jogo e distribuição pelo campo. Os alunos de nível 4, apresentam realmente algumas qualidades, mas ainda mais individualmente do que em equipa, tendo ainda algumas também dificuldades de leitura de jogo e colocação em campo.

De destacar novamente a mesma aluna que obteve nota 5, onde se verifica nitidamente que frequenta a modalidade fora da escola e daí possuir um grande à vontade na modalidade em questão.

Assim, e analisando os resultados da avaliação formativa, foi bastante perceptível a evolução da turma na modalidade, na aquisição dos conteúdos lecionados, assim como a sua aplicação à situação 3x3, tendo por base o nível inicial dos alunos nesta matéria relativamente à avaliação diagnóstica. As rotinas criadas no aquecimento e nas situações de jogo reduzido e condicionado foram benéficas para os alunos terem uma boa organização nas aulas seguintes, uma vez que já sabiam como se deviam deslocar, como executar as ações e como realizarem as transições entre tarefas e na própria tarefa.

Em relação ao comportamento, não tenho nada a apontar, a não ser a parte positiva, pois houve respeito pelo material (principalmente com as bolas), não houve praticamente casos de comportamentos inapropriados e de indisciplina na aula, tendo os alunos um bom empenho, participação e um bom desempenho psicomotor e cognitivo na aquisição de competências.

Quanto à formação de grupos, nos exercícios de jogo reduzido, optou-se por ser sempre o professor a fazê-lo para estes serem os mais homogêneos possíveis, ou por vezes um pouco desequilibrados consoante os objetivos de cada exercício e de cada aula. Quanto às situações de jogo formal os grupos eram o mais equilibrado possível para que os alunos mais avançados pudessem de certa forma ajudar os colegas com mais dificuldades a evoluir, havendo por vezes divisão entre géneros.

Depois da avaliação formativa concluída pude finalmente dar mais importância ao drible e também ao lançamento.

Quanto à utilização da aluna de nível 5 a exemplificar e a ajudar os alunos de nível inferior resultou, pois a aluna sentiu prazer de estar a contribuir para a evolução dos colegas, demonstrou-o quando mesmo sem eu lho pedir ela fazia-o por auto recreação.

Em relação à minha movimentação durante a aula, sei que nem sempre foi a melhor, pois os FB's que tive por parte dos professores orientadores e dos meus colegas foram de encontro a isso, mas fiz um esforço grande a nível mental e consegui melhorar imenso esse aspeto.

Quanto à utilização de todos os recursos e espaços disponíveis, resultou perfeitamente, pois o fato de poder ter em simultâneo dois jogos de 3x3, foi muito positivo na evolução dos alunos, para não falar no trabalho de lançamento onde, podiam estar cinco alunos por tabela, muitas vezes isso não acontece nem em contexto competitivo, ao nível de clubes.

O aquecimento específico de facto foi determinante na evolução dos alunos, principalmente nos jogos como o jogo dos passes, os semelhantes, este tipo de jogos é riquíssimo, na obtenção de aspetos técnico – táticos decisivos, como passe, receção e desmarcação. Mais à frente jogos como apanhada a driblar ou uma bola para cada e tentar roubar o máximo de bolas aos colegas, foi essencial no domínio e proteção do drible e controlo de bola.

Por fim em relação à avaliação sumativa (ANEXO 3), para a obtenção dos resultados da avaliação sumativa, foram realizados exercícios específicos para a observação e avaliação de cada um dos gestos técnicos, os exercícios foram similares aos já aplicados durante as aulas ao longo da UD, de forma a facilitar a execução dos mesmos.

Através da observação das tabelas das diversas avaliações facilmente se percebe a evolução significativa dos alunos. Verifica-se que houve um aumento gradual do nível dos alunos ao longo desta, desde o seu início, até ao fim da mesma. Como era de esperar evolução foi mais notória em alguns alunos do que noutros.

Não houve Alunos com nota inferior a 3 o que é de realçar, havendo então nove notas 3, dez notas 4 e três notas 5.

Todos os alunos terminaram a UD sendo capazes de executar, com algum nível de proficiência, os gestos técnicos básicos para a prática da modalidade, ou seja o passe e os seus diferentes tipos, o lançamento (em apoio e em suspensão), e o drible, tendo ainda um conhecimento das regras do Basquetebol. O menos positivo foi o teste escrito, onde as notas deixaram bastante a desejar, a prova não foi difícil mas não era de escolha múltipla como os alunos estavam habituados, e isso acabou por os deixar desconfortáveis.

De referir que no fim da unidade, já um número razoável de alunos conseguiam perceber / ler o jogo pelo menos o suficiente para ocuparem os três corredores e os espaços vazios.

É visível, através da observação dos dados da avaliação sumativa, a evolução dos alunos nos diferentes gestos técnicos, desde como começar na avaliação diagnóstica, passando pela evolução favorável aquando da avaliação formativa formal, e por fim com os resultados finais da avaliação sumativa. É importante referir, que no início do período, que o nível da turma era baixo, encontrando-se num nível introdutório, e que apenas o passe e a receção tinham nota positiva e eram realizados com algum nível de proficiência por alguns elementos da turma, o arranque era quase sempre em passos, os lançamentos despropositados, não havia jogadas coletivas e a ocupação dos espaços livres simplesmente não existia.

O sistema de recolha de dados foi modificada na avaliação final, mas é de referir que na avaliação de jogo 3x3, a média foi 4,2, enquanto no circuito técnico que incluía drible e lançamento a média foi 4 e ainda o lançamento em apoio que obteve média final de 4,6. Comparando à média de 3,18 da avaliação inicial e dos 3,71 da avaliação formativa e evolução foi realmente significativa.

Posto isto, foi determinante encontrar estratégias para permitir um aumento substancial do nível dos alunos ao longo da UD, penso que das estratégias mais importantes foi ter deixado o drible um pouco de lado, pois este gesto técnico é fundamental mas o passe e a receção são primordiais como já referi. Ao optar muitas vezes por situações de jogo sem drible contribuiu para que os alunos percebessem as vantagens do jogo coletivo, pois por exemplo a bola chega mais depressa de um lado ao outro do campo em passe que em drible. Quanto a situação de jogo, os alunos referentes ao nível superior, apresentaram um nível de jogo bastante positivo, tendo sempre a preocupação de procurar o colega desmarcado e em melhor posição de finalizar, preocupam-se em recuperar defensivamente depois de perder a bola, só lançam em boa posição e desmarcados. Já os alunos de nível mais inferior, não atingiram obviamente o nível de jogo dos restantes colegas, mas já conseguem jogar coletivamente, e já conseguem procurar os colegas desmarcados, de menos positivo é ainda não ocuparem os espaços vazios como gostaríamos. Mas já possuem as bases necessárias para poderem passar para um patamar superior.

5.6 - ELEMENTOS DE PESQUISA AUTÓNOMA

Em primeiro lugar, o Gabinete de Basquetebol do ISEF, (1984), refere que antes de pensar em metodologias e didáticas é essencial saber que aos professores é exigido competência, inteligência, autoridade, maturidade e disciplina e rigor.

Um professor deve ter todas estas qualidades, é certo que não é fácil quantificar estes pontos, mas de certa forma devemos ter presente que estes tópicos são os pilares de um professor melhor.

Devemos ser competentes para definir objetivos, para dominar os conteúdos, para adequar os conteúdos ao nível dos praticantes e aos objetivos, para facultar a si e aos seus alunos os dados que lhes permitam o valor da sua participação, para solicitar a reflexão que conduza a uma apropriação consciente dos conteúdos e para justificar os meios materiais à sua ação, etc.

Um professor tem que ser inteligente para planear e programar a sua ação, relacionando dinamicamente as variáveis que fazem parte do processo formativo de modo a que, nos condicionalismos próprios dos contextos onde atua, sejam atingidos os objetivos preconizados.

Deve ter autoridade para manter os planos de ação previamente estabelecidos e em curso não se submetendo às pressões dos praticantes resultantes das suas inseguranças e dificuldades pessoais.

A maturidade que vem também com a experiência, para encontrar no somatório das suas experiências pessoais e pedagógicas, devidamente assumidas e avaliadas as achegas aos problemas que a formação dos jovens coloca.

E por fim disciplina e rigor para organizar as sessões de trabalho, para exigir pontualidade, para preparar o material antecipadamente e para distribuir os tempos de trabalho evitando paragens e os “tempos mortos”.

No meu entender ainda para além destes cinco tópicos essenciais que foram referidos ainda há outro essencial, deve ser exigido que o professor seja um autodidata, o próprio indivíduo com o seu esforço particular tem que pesquisar o material necessário para sua aprendizagem, tem que ter noção das suas lacunas e deve investir no seu preenchimento.

Como vem referido em cima por Araújo (1998), a sequência de gestos técnicos deve ter a seguinte ordem:

- Drible; Lançamento na passada com drible; Passe; Lançamento na passada após passe; Desmarcação; Lançamento de campo.

Eu da minha experiência enquanto jogador e agora como professor, não concordo totalmente, pois antes de todas as componentes técnicas deve vir a manipulação de bola, esta é determinante, pois dá aos alunos uma confiança na relação com a própria bola, acima de tudo à que perder o medo desta (verifiquei bastante durante as minhas aulas), depois deve perceber como a bola ressalta, como ela responde das diferentes maneiras de a enviar ao chão, como a receber, para que sítio do corpo se deve passar a bola, para a receção ser facilitada. Só depois destes pormenores adquiridos é que podemos passar para o resto.

Não concordo também que o ensino do drible e do lançamento da passada com drible venham antes do passe e da desmarcação, porque os pilares do jogo são o passe e conseqüentemente a receção e o lançamento, isto porque, é possível jogar Basquetebol sem drible, agora sem passe e lançamento não é possível. Mas para haver linhas de passe os alunos tem que necessariamente desmarcar-se para receber a bola, logo aí o conceito de desmarcação deve estar presente desde a base. Por isso, sempre ouvi dizer durante a minha formação como jogador, que a maneira de jogar Basquetebol de maneira mais efetiva é utilizando o passe e corte (para o cesto). Depois sim introduzir o lançamento na passada com passe, o drible e o lançamento na passada com drible e somente em último lugar o lançamento de campo, pois quem não domina o lançamento na passada também não consegue lançar de média nem de longa distância.

Concluindo então na minha opinião a sequência que se deve seguir no ensino do Basquetebol deve ser:

- Passe/receção;
- Desmarcação;
- Lançamento na passada com passe;
- Drible;
- Lançamento na passada com drible;
- Lançamento de campo.

Como já foi referido, segundo Blázquez Sánchez (1996), um programa de avaliação é adequado quando:

- Se relaciona com os objetivos da educação;
- É integral e uniforme, ou seja, relaciona-se com todo o programa escolar;
- Utiliza diversos procedimentos e técnicas para obter os dados;
- Está estruturado de uma maneira coerente e contínua;
- É funcional e prático, encontrando-se ao alcance dos professores.

Não poderia estar mais de acordo com o autor pois na avaliação por vezes à tendência a dispersar por outras observações que podem fugir ao nível expectável dos alunos tendo em conta o ano em que se encontram. E assim sendo há que ter a certeza que a avaliação está diretamente relacionada com os objetivos da educação e com o programa escolar que realmente é para aplicar aos alunos. A utilização de diversas técnicas de obtenção de dados também me parece correto, pois um método apenas de obtenção de dados certamente não é tão fiável se cruzado com outros. Se bem que penso que métodos de mais pode não ser positivo, pois pode causar alguma entropia no processo. Certamente que o programa de avaliação para funcionar como em tudo, tem que estar estruturado de maneira coerente, contínua, ser funcional e prático para nós professores conseguirmos utilizar com facilidade, tem que se dominar o programa e as técnicas de avaliação.

Abordando agora, Carvalho (1994), que refere que o professor só pode promover o sucesso pedagógico se reconhecer as principais dificuldades e potencialidades dos alunos. A avaliação diagnóstica deve de fato ser competente, séria e rigorosa pois é a partir dela que vai incidir uma maior ou menor carga de trabalho sobre os elementos específicos de cada modalidade. Várias vezes discutiu-se durante as reuniões com o Professor orientador, sobre como devia ser a atuação de um professor numa aula de avaliação diagnóstico, as opiniões por vezes divergiam mas no meu entender uma aula de avaliação diagnóstico deve ser em simultâneo formativa, pois um professor atento e que domine os conteúdos verifica de imediato quem sabe ou não fazer, e assim, deve de imediato dar os FB's necessários para corrigir os alunos. Não nos devemos esquecer que uma UD completa, representa no máximo seis semanas de aula, dezoito tempos, o que é manifestamente pouco, pois o que eu verifiquei em praticamente todas as unidades é que quando os alunos estavam a começar realmente e evoluir a unidade terminava.

Consultei também diversos manuais escolares presentes na escola e não só, além de outros livros e artigos que pesquisei. Mas mais importante ainda foram sem dúvida as conversas/discussões com o professor Joaquim, os reparos pertinentes que ia fazendo, os conselhos que dava, as sugestões, o incentivo para experimentarmos para depois realmente percebermos se resultava. Das conversas ao longo do ano apercebi-me que a maturidade e experiência são dois aspetos fulcrais para um bom professor, pois fazem-nos errar muito menos vezes, estes dois pontos fazem com que já percebamos o que vai ou não resultar, conseguimos prever comportamentos inadequados que possam surgir e atuar antes destes sucederem, é mais fácil ir de encontro às reais necessidades dos alunos.

5. 7 - CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS E PERSPETIVAS PARA O FUTURO

No decorrer deste ano letivo enquanto estagiário, foram inúmeras as aprendizagens realizadas. Em primeiro lugar aprendi como é o dia a dia de um professor de uma escola. Enquanto assessor do DT, percebi como o seu trabalho é difícil, trabalhoso e requer muito tempo despendido. Como organizador de eventos, deparei-me com a complexidade que é preparar atividades para mais de cem alunos, ganhei de facto valências neste ponto como sentido de organização, trabalho de equipa, como tratar de toda a logística, entre outros.

O constante trabalho de grupo que teve de ser feito entre os estagiários mostrou-me como é realmente rico, o ouvir outras pessoas, as suas opiniões e como o trabalho em si é compensador não apenas ao nível de relações próximas que se criam mas no aprofundamento de temas e assuntos que nunca pensei aprofundar.

A capacidade de iniciativa e de responsabilidade, que são duas capacidades de valorizar e que são reconhecidas dentro da escola.

Realmente a evolução que tive foi imensa e eu sinto isso, mas logicamente há aspetos a melhorar, no controlo da turma, na escolha de exercícios mais cativantes e diversificados, aquecimentos específicos diferentes, etc. Posto isto, a necessidade da formação contínua apresenta-se como um elemento chave para essas aquisições

e desenvolvimento dessas competências, juntamente com a experiência que se vai acumulando. Penso que a formação é importante não só para professores que estejam a começar, mas também para todos os outros que já lecionam há mais tempo, pois a evolução é constante e temos de estar sistematicamente em sintonia com a evolução. Por todas estas razões penso que é fundamental a constante procura por formação na área da EF, eu tenciono evoluir bastante a Ginástica, pois é uma modalidade que não me sinto muito à vontade, pois abordei muito pouco na minha formação inicial.

Em relação à avaliação, acabei o ano muito mais confiante nas minhas qualidades de análise de perceção/observação das verdadeiras potencialidades dos alunos.

Em relação ao futuro vou continuar a investir na minha formação, pois quanto mais ferramentas e valências dispor mais risonho será o futuro e mais portas se abrirão. O meu grande sonho sempre foi ser professor de Educação Física e é por isso que eu vou lutar.

6- CONCLUSÃO

Esta experiência pessoal e profissional decorrente deste ano de estágio, permitiu-me potenciar as minhas capacidades naquilo que eu sempre sonhei, ser professor de Educação Física. Tenho perfeita noção que o que eu sei, e sou, o devo à minha formação até aqui.

O Balanço deste ano não poderia ser outro senão ter sido extremamente positivo, esta prática pedagógica supervisionada realizou-me totalmente, foi exatamente o que eu desejava que fosse, e com a ajuda dos meus colegas estagiários e orientadores de estágio, tive a oportunidade de evoluir em aspetos chave de forma a criar bases para poder ser no futuro um bom docente de Educação Física.

O relatório foi trabalhoso mas simultaneamente motivante e a parte do tema agradou-me bastante, pois o Basquetebol é uma das minhas paixões.

REFERÊNCIAS

Alonso V. (1988). La Disciplina Escolar en los Distintos Modelos Pedagógicos. Revista de Ciências de la Educacion, nº 131, Julio – Septiembre Ribeiro, L. (1999). Tipos de avaliação (pp. 75-92).

Araújo, J. (1998). Manual de Metodologia e Didática. Escola Naval de Basquetebol, pp. 15.

Blázquez Sánchez, D. (1996). Evaluar en Educación Física. Barcelona: INDE.
Carvalho, L. (1994). Avaliação das Aprendizagens em Educação Física. (pp. 135 – 151) in Boletim SPEF nº 11. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Educação Física.

Costa & Costa, A. (1998). Educação Física 10º/11º/12º. Porto: Areal Editores.

Estrela, M. (1992). Relação pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Aula. Porto: Porto Editora.

Estrela, Maria Teresa (1994). Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula. Porto: Porto Editora

Pieron, M. (1996). Formação de Professores: Aquisição de Técnicas de Ensino e Supervisão Pedagógica. Lisboa: Edições FMH Estrela, M. (1986). Une Étude sur l'Indiscipline en Classe. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: INIC

Rosado, A. (1990). A Disciplina nas classes de Educação Física. Horizonte, 7 (38), 47-55.

Sacks, O. A neurologist's notebook: an anthropologist on Mars. The New Yorker, 1994

Silva, MS.; Krug, H.N. (2007). A formação inicial de professores de Educação Física e de Pedagogia: um olhar sobre a preparação para a atuação nos anos iniciais do ensino fundamental. Lecturas: Educación Física y Deportes, Revista digital, Buenos Aires, nº 123, p. 123, p. 1-14, Agosto de 2008.

ANEXOS

ANEXO 1

Nº	Nome	Passé	Recepção	Lançamento	Drible	Ressalto	Desmarcação	Nível
1	Ana Dias	3	3	3	2	2	2	3
2	Ana Reis	3	3	3	3	2	2	3
3	Bárbara Coelho	3	3	3	3	3	3	3
4	Beatriz Alves	5	5	4	5	4	4	5
5	Bianca Valente	2	2	2	2	2	2	2
6	Cristiana Jesus	3	3	3	2	2	2	3
7	David Jorge	4	4	3	4	3	3	4
8	Diogo Costa	4	4	3	3	3	3	4
9	Diogo Loureiro	3	3	2	3	3	3	3
10	Fábio Moura	4	4	2	3	3	3	3
11	Fernando Melo	2	2	2	2	2	2	2
12	Hugo Cação	4	4	3	4	3	4	4
13	Inês Caniceiro	2	2	2	2	2	2	2
14	Marcos Cachulo	3	3	3	3	2	2	3
15	Maria Filipe	3	3	3	3	2	2	3
16	Mauro Oliveira	4	4	3	3	3	3	4
17	Pedro Seco	2	2	2	2	2	2	2
18	Rafael Alemão	4	4	3	3	4	3	4
19	Rute Monteiro	3	3	2	3	3	3	3
20	Sara Reis	3	3	3	3	2	2	3
21	Sara Rodrigues	4	4	3	3	3	3	4
22	Silvana Fernandes	3	3	3	3	3	2	3
	Média	3,18	3,18	2,72	2,9	2,63	2,6	3,18

ANEXO 2

Nº	Nome	Passe	Receção	Ultrapassa em drible o adversário	Lançamento	Desmarca-se para receber a bola	Recupera defensivamente depois de perder bola	Nível
1	Ana Dias	3	3	3	3	2	2	3
2	Ana Reis	4	4	3	3	3	3	4
3	Bárbara	4	4	3	3	4	4	4
4	Beatriz	5	5	5	5	5	5	5
5	Bianca	3	3	2	2	2	2	3
6	Cristiana	3	3	2	2	2	2	3
7	David	4	4	3	3	3	3	4
8	Diogo Costa	4	4	3	3	3	3	4
9	Diogo Lou.	4	4	3	3	3	3	4
10	Fábio	4	4	4	4	4	4	4
11	Fernando	3	3	2	2	2	2	3
12	Hugo	4	4	4	4	4	4	4
13	Inês							
14	Marcos	4	4	3	3	3	3	4
15	Maria	3	3	3	3	3	3	3
16	Mauro	4	4	4	4	4	4	4
17	Pedro	4	4	3	3	3	3	4
18	Rafael	4	4	4	4	4	4	4
19	Rute	4	4	3	3	4	4	4
20	Sara Reis	3	3	3	3	3	3	3
21	Sara Rod.	4	4	4	4	4	4	4
22	Silvana	4	4	4	4	3	3	4
Média		3,76	3,76	3,23	3,23	3,23	3,23	3,71

ANEXO 3

Nº	Nome	Jogo 3x3	Circuito técnico	Lançamento em apoio	Teste escrito	Total %	Nível
1	Ana Dias	60	80	70	61	62,65	3
2	Ana Reis	85	80	70	66	80,09	4
3	Bárbara	85	80	70	47,6	78,14	4
4	Beatriz	100	100	100	74	96,1	5
5	Bianca	45	45	70	28,2	43,48	3
6	Cristina	50	65	70	71	55,65	3
7	David	75	80	70	56	71,9	4
8	Diogo Costa	85	75	70	47	77,55	4
9	Diogo Loureiro	60	65	70	14,7	54,2	3
10	Fábio	85	80	100	63,5	82	4
11	Fernando	60	25	70	31,2	52,68	3
12	Hugo	100	85	100	59,5	92,4	5
13	Inês	60	60	70	28,8	55,8	3
14	Marcos	60	40	70	33,5	54,5	3
15	Maria	75	65	100	61,5	73,2	4
16	Maurício	85	85	70	47,8	78,67	4
17	Pedro	60	45	100	48,5	58,8	3
18	Rafael	100	85	100	74	94,6	5
19	Rute	85	80	100	48,5	79,8	4
20	Sara Reis	45	55	70	37,8	46,17	3
21	Sara Rodrigues	85	85	100	61,7	82,3	4
22	Silvana	85	90	70	37,8	77,7	4
MÉDIA		74% / 4,2	70,45% / 4	80,9% / 4,6	47,9	70,4	3,72

